

SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA: PRINCÍPIOS PARA A INTEGRAÇÃO VIA PRÁTICA DOCENTE[□]

Francisca Paula Soares Maia^{□□}

Universidade Federal de Minas Gerais

Esta explanação não tem a pretensão de ser teórica, pelo contrário. Tenho por objetivo apresentar algumas reflexões que possibilitem uma prática docente embasada no uso de conhecimentos acadêmicos da Sociolinguística em sala de aula, ou seja, proponho a Sociolinguística Aplicada ao Ensino de LE. Dessa forma, inicialmente são apresentados os fundamentos teóricos que embasam a prática visada, para maior interação com as idéias aqui propostas e, na medida do possível, serão apresentadas sugestões de sua aplicação.

O principal embasamento das idéias expostas reside em um dos axiomas da Sociolinguística Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, pp. 97-193): a variação é inerente ao sistema linguístico, sendo a língua um sistema heterogêneo. Este axioma se contrapõe ao pensamento neogramático segundo o qual a estrutura só pode ser detectada a partir de um recorte que torne o objeto homogêneo. Portanto, de acordo com a visão variacionista, a língua é concebida como uma realidade inerentemente variável, mas, passível de ordenação estrutural. Por sua vez, heterogênea e ordenada também é a competência dos falantes. Isto equivale a dizer que, todo falante, já no nível de seu idioleto, apresenta domínio de estruturas heterogêneas; ou seja, a variação linguística ocorre já em nível individual, mas de forma tão localizada que não pode ser tomada como representativa das características linguísticas da comunidade.

Foram necessárias formulações científicas contundentes para a desmistificação da homogeneidade dos fatos linguísticos e da mudança. Entretanto, esse conhecimento ainda não faz parte da vida de milhões de pessoas. Em nível nacional falantes até acreditam que não sabem falar a língua de sua própria nação. Acreditam que existe uma forma única e melhor de se falar a língua 'padrão', que certamente não é a que usam, pois esta é 'artificial' (FARACO, 2008, pág. 85) e, pior, rejeitam quem não usa o mesmo vocabulário ou não apresenta a prosódia (ritmo de fala) à qual estão acostumados, sustentados pelo mito da língua 'única'.

Em nível educacional, continuam exigindo (ou sendo exigidos em torno de) uma língua ‘padrão’. Ao passo que, ao apropriarem-se dos princípios sociolinguísticos variacionistas passam a agir em torno de atingir outro alvo: a norma culta, que é variável (FARACO, *id.*, pp. 55-65). Uma das questões é ‘Como os conhecimentos em Sociolinguística podem ser utilizados em sala de aula em prol da desmistificação dos preconceitos linguísticos?’ ... ‘E para a formação de valores humanos entre docentes e discentes tais como respeito às diferenças individuais e aceitação da diversidade linguística?’ É o que será desenvolvido a seguir.

Em se tratando de ensino-aquisição de LE, a Sociolinguística Laboviana tem por grande papel contribuir para a desmistificação dos preconceitos linguísticos, bem como para a formação de valores humanos tais como respeito às diferenças individuais e aceitação da diversidade cultural em todos os níveis das relações humanas¹.

O preconceito linguístico parece ter suas raízes no mito da língua homogênea, ou seja, é difundida uma falsa idéia de que existe uma língua ‘única’, ‘perfeita’, a cujas regras linguísticas consideradas ‘padrão’ todos os falantes devem obedecer e jamais transgredir. Entretanto, o que se convencionou chamar de “língua portuguesa” nada mais é do que um “feixe” de variedades linguísticas que caracterizam grupos sociais, situações, regiões linguísticas, nações, etc (RAMOS, 1997, p. 4). Desta forma, investigações sociolinguísticas mostram que a Língua Portuguesa falada no Brasil (ou Português Brasileiro, PB) varia quanto à classe social, profissão, escolaridade, idade e gênero do falante, grau de formalidade da situação discursiva, por exemplo. Por outro lado, mesmo possuindo variações típicas de cada região, estes estudos apontam que o PB agrega em si um conjunto de características que o tornam a língua própria do Brasil em relação à falada em Portugal, Açores, e demais países de língua portuguesa.

Todavia, no imaginário dos falantes, principalmente dos que não pertencem ao meio das pesquisas linguísticas variacionistas, existe o mito da existência de uma língua padrão. Este mito surge quando, “ao longo dos períodos históricos, determinada variedade [...] alça sobre as demais, por corresponder aos usos de

¹ No conjunto de sua obra, Labov tão somente apresenta a Sociolinguística como ‘descritiva’ da variação dos fatos linguísticos, mas o uso pedagógico de seus embasamentos tem sido inferido a partir dos princípios postulados por esta área da Linguística.

determinado segmento da sociedade, precisamente aquele que desfruta de prestígio dentro da comunidade maior, em virtude de razões políticas, econômicas e culturais. Portanto, o preconceito linguístico tem várias causas, sendo que a principal delas pode ser a falta de conhecimento da diversidade cultural e linguística.

Atualmente venho refletindo sobre a outra face do preconceito linguístico: o 'prestígio linguístico'. Enquanto que o preconceito linguístico faz com que certas formas/variedades/línguas sejam desvalorizadas e até evitadas, muitas vezes funcionando como um 'entrave' à aquisição/implementação/mudança de uma forma/variedade/língua, o 'prestígio linguístico' faz com que certas formas/variedades/línguas sejam valorizadas e até implementadas ou mais visadas na comunidade, atuando como um 'catalisador' da aquisição/uso.

Em se tratando de ensino de PLE, faz-se importante que os conhecimentos de variação linguística em Português estejam ao alcance dos docentes e possam ser apresentados aos aprendizes por meio do contato com a língua falada (via filmes, vídeos, músicas); e/ou a partir da explicação de como fatos de variação linguística são sistematizados e podem estar presentes na escrita. A sugestão é que aprendizes de PLE sejam expostos ao contato com músicas, vídeos, obras de literatura, entrevistas no rádio, resumos de trabalhos² sociolinguísticos; desde que representativos da variação e da diversidade cultural da LP, e levados a se apropriarem de conhecimentos que lhes possibilitem lidar com o preconceito linguístico quanto ao que é 'diferente' (entendendo-se por diferente aquilo que não se encontra classificado nos manuais de gramática tradicional como 'padrão') visto que a Língua Portuguesa é realmente a reunião de todas as suas variedades, tanto dentro da nação onde é falada, quanto na relação entre nações onde a Língua Portuguesa é oficial.

Em se tratando de preconceito linguístico, muitas vezes o ensino-aprendizagem de língua estrangeira não avança. Por exemplo, quando a língua ensinada é menos valorizada socialmente que a língua materna do aprendiz, ou perante outras línguas estrangeiras oficialmente ensinadas. O que fazer então?

Para isto, envolvem-se os aprendizes em buscas de informações e ilustrações sobre aspectos – e realidades – que demonstram a variação existente em

² Existem até gramáticas de Língua Portuguesa, no caso, do Português Brasileiro que trazem explicações claras e consistentes sobre fatos de variação linguística (cf. CASTILHO, 2010; PERINI, 2010).

vocábulos, regiões, clima, vegetação, moradias, aspectos das pessoas nas diversas regiões ou países de língua portuguesa, bem como sua história em cada localização. Enfim, estes aprendizes são levados a terem uma visão geral de tudo relacionado à diversidade geográfica e cultural relativas à Língua Portuguesa. É importante que estas informações sejam sistematizadas, organizadas, de modo a favorecerem a organização dos conhecimentos³.

Os aprendizes sempre descobrem muitas variações linguísticas e muita diversidade cultural, o que os leva a concluir que há diferenças entre pessoas, falas, escritas, etc. no mundo. Faz-se importante enfatizar então a riqueza que há na diversidade cultural, e que ser diferente, não significa ser pior, mesmo que aparentemente o seja, como por exemplo, pode-se destacar a riqueza da vida do homem do campo; seu contato com a natureza, sua vida menos estressante, com um ar mais puro, com menos barulho de automóvel, etc. Estas descobertas, inevitavelmente, fazem com que descubram também suas identidades culturais, e linguísticas.

Desta forma, no domínio social da sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25) as reflexões e ações favorecidas durante este trabalho, orais e escritas, podem contribuir para a formação dos sujeitos nela atuantes, no que se refere à sua inteligência emocional, e não só cognitiva, a qual geralmente é o foco exclusivo da escola e dos professores em geral.

Produções linguísticas (orais e escritas) consideradas 'erradas' são reveladoras de processos linguísticos subjacentes, dignos de investigações sociolinguísticas, e não de sofrerem recriminações e preconceitos⁴ (MOLLICA, *et alli*, 2008, p. 2; OLIVEIRA, 2005, p. 15; MAIA, 2009, p. 2, RAMOS, *op. cit.*).

Ressalva seja feita, ainda, ao direito de os aprendizes de PLE terem acesso à variedade linguística considerada de menos prestígio e não só da norma considerada culta, tanto para uso da língua oral, quanto para uso da língua escrita informal (no msn, por exemplo), a partir de reflexões que desvendem os processos linguísticos que subjazem à realização da língua portuguesa, melhor dizendo, a

³ Por exemplo, em forma de álbum ou portfólio (em papel ou em meio digital), como se estivessem elaborando um trabalho científico, ou seja, com capa, contra-capas, dedicatória (ou agradecimentos), introdução, desenvolvimento e conclusão.

⁴ Os dois primeiros autores abordam a questão em LM (Língua Materna), mas é válida a transposição para LE (Língua Estrangeira).

partir da prática docente embasada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Laboviana.

Finalizando, afirmo que a Sociolinguística Laboviana, ao considerar a língua como um fato social, passível de variação, heterogênea, porém observável e sistematizável (WEINREICH, LABOV & HERZOG, *op. cit.*), constitui-se, portanto, como um caminho assertivo que possibilita um trabalho no espaço escolar de conscientização sobre as diversidades, não só linguísticas, como também relativas aos vários elementos que compõem o mundo ao redor dos seres humanos. Objetiva-se com este tipo de trabalho colocarem-se os aprendizes expostos a realidades que vão mais além de seus micromundos, favorecendo-lhes o acesso à realidade extrapessoal, que se compõe de seres humanos tão diversos quanto as culturas que existem no mundo, e, por meio da revisão de seus “pré-conceitos”, chegar à construção de um pensamento sustentado por uma visão de sociedade que existe a partir do pluralismo e da diversidade, o que lhes facilitará, inevitavelmente, a possibilidade de compreensão, aceitação das diferenças/diversidades linguísticas individuais, sociais e internacionais.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (2004): *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola editorial.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (2010): *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

FARACO, Carlos Alberto (2008): *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola editorial.

MAIA, Francisca Paula Soares (2009): O “erro” linguístico a partir de uma perspectiva sociolinguística laboviana. In: *V CIEL – Ciclo de Estudos em Linguagem. Estudos da Linguagem e Formação Docente: desafios contemporâneos*. UEPG – Ponta Grossa, Paraná. Disponível em <http://api.ning.com/files/lrBwW2Aot0WGeNFSOK1GsBzLCPqjDFeAm3NV7PcJbVyznB6PJPHBIK1oJquLAudoTjDqJ7suDelzEA4kqgVbdFXtvPkbP33I/FranciscaSoaresMaia.pdf> Acesso em jun/2010.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães, MONTEIRO, Maria Cristina G. de Goes, LOUREIRO, Fernando Cardoso, COUTINHO, Flávia Diniz de Souza & ALÍPIO, Rodrigo (2008): Sociolinguística e qualificação docente. *Revista do Gel / Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. Vol.5 n.2. São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.gel.org.br/revistadogel> Acesso em jun/2010.

OLIVEIRA, Marco Antônio de (2005): Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do professor. *Coleção Alfabetização e Letramento*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG.

PERINI, Mário Alberto. (2010) *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.

RAMOS, Jânia Martins (1997): *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin (1968): *Empirical foundations for a theory of language*. In: MALKIEL (eds), *Perspective on historical linguistics*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.